



## UMA FESTA SPARKIANA: UMA OBSERVAÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS E MASCULINAS NO CONTO *DAISY OVEREND*, DE MURIEL SPARK

ASK, Célia C. Azevedo (UNESP - Assis)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os estudos de gênero, atualmente, têm se preocupado em verificar como as masculinidades e feminilidades se expressam socialmente. Em termos literários, há uma preocupação perene com o estudo de personagens que apresentem novas formulações das relações entre gêneros, de forma a demonstrar as mudanças sócio-ideológicas ocorridas na sociedade contemporânea e o modo como elas passam a reconfigurar as relações entre indivíduos. Ao se ter contato com um mundo ficcional e com os indivíduos que nele habitam, tem-se a oportunidade de identificar a visão peculiar do indivíduo que deu aos elementos ficcionais a materialidade reveladora de uma sociedade marcada por mudanças, mas também pela manutenção de algumas tradições. Pensando-se nisto, a leitura proposta do conto *Daisy Overend*, de Muriel Spark, oferece a leitores interessados na figura feminina a oportunidade de notarem que as personagens são descritas como indivíduos sociais que desejam ter poder e autonomia e, de forma paralela e complementar, estes mesmos personagens fornecem uma visão privilegiada de conflitos entre gêneros que podem evidenciar o quanto as conquistas e mudanças oportunizadas pelo movimento das mulheres tiveram um efeito realmente positivo para elas. Através do conflito existente entre as duas personagens femininas (a narradora e Daisy), e da relação destas com as personagens masculinas, Muriel Spark mostra em que grau as mudanças ganharam espaço, assim como a tradição manteve-se representada na sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Muriel Spark; feminilidade; masculinidade; Daisy Overend; relações de gênero.

A SPARKIAN PARTY: AN OBSERVATION OF FEMALE AND MALE CHARACTERS IN THE SHORT STORY *DAISY OVEREND*, BY MURIEL SPARK

**ABSTRACT:** Gender studies have currently a keen interest in seeing how masculinities and femininities are socially expressed. In literary terms, there is a perennial concern with the study of characters which presents new formulations of gender relations as a means of showing social

and ideological changes occurring in contemporary society and also how they begin to reconfigure the relationship between individuals. Upon a contact with the fictional world and with the individuals who inhabit it, it is possible to have the opportunity to identify the individual's peculiar vision that gave an enlightening materiality to fictional elements of a society marked by changes but also by the maintenance of some traditions. Thinking on that fact, the proposed reading of the short story *Daisy Overend*, by Muriel Spark, offers to readers interested in the feminine figure the opportunity to notice that the characters are depicted as social individuals who desire to have power and autonomy and, in a similar and complementary way, those characters give a privileged vision of conflicts between genders which can highlight in what extent the achievements and changes accomplished by the women's movement had an effective positive effect for them. Through the conflict between the two feminine characters (the narrator and Daisy) and their relationship with the masculine ones, Muriel Spark shows us to what degree the changes gained ground, as well tradition have been kept represented in contemporary society. KEYWORDS: Muriel Spark; femininity; masculinity; Daisy Overend; gender studies.

É sabido que a leitura de um texto compreende a percepção de suas várias camadas significativas e, para conseguir chegar a esta compreensão, leitores e leitoras precisam munir-se de conhecimentos não apenas teórico, mas de uma bagagem ainda mais eficiente quando se trata de perceber o que um texto diz por meio daquele mundo ficcional: experiência. Este elemento, de suma importância para o estabelecimento de uma leitura plausível dos sentidos do texto, torna-se ainda mais relevante se pensarmos que a literatura feita por mulheres, em todo mundo, em qualquer tempo, revela mais de suas experiências, sendo que estas nem sempre são valorizadas pela crítica tradicional. Tal fato foi comentado por Culler (1985), que compara a posição da crítica feminista com a da crítica tradicional, sendo que a primeira reconhece que a experiência das mulheres é considerada valiosa, enquanto a tradição apenas a vê como um "interesse limitado".

Certamente, a tradição crítica, dominada pela visão sexista das obras de autoria feminina, tem por prática comum desvalorizar obras que não retratem as mulheres com base em estereótipos que foram construídos historicamente durante o longo período de dominação das mulheres pelos homens. Contudo, as mulheres exigiram e estabeleceram mudanças que ganharam espaço por meio de escritos e teorias com base nas experiências e realidades das próprias mulheres. De acordo com Showalter, são "leituras feministas de textos que levam em consideração as imagens e estereótipos de mulheres na literatura, as omissões e falsos juízos sobre as mulheres na crítica, e a mulher-signo nos sistemas semióticos" (SHOWALTER, 1994, p. 26).

A relevância da leitura feminista está na oportunidade de re-valorizar e reconsiderar os escritos das mulheres, mesmo que a tradição a considere irrelevante

ou limitada. Assim sendo, devemos considerar que uma leitura feminista possibilita o acesso a significações construídas com base na esfera social em que se encontram as mulheres, embora elas possam, igualmente, aproveitar-se de significações formuladas na esfera social dos homens, de forma a remodelar conceitos e pontos de vista que possam desvalorizá-las. O resultado deste posicionamento adotado pelas mulheres está nas propostas de escrita e de leitura de obras produzidas por escritoras e críticas que revelem o mundo das mulheres, com seus desejos, sonhos e experiências tonando espaço, voz e visibilidade no mundo dos homens, o mundo até então social, cultural e, por conseguinte, teórico e crítico.

A proposta de leitura feminista apresentada por Showalter é interessante e importante no sentido de que, se levamos em conta as obras de autoras, temos uma literatura mais justa e inequívoca, por meio da qual as mulheres podem falar de suas experiências e vivências de modo a dar-lhes o destaque merecido. Escritos e leituras "interessadas" têm sua importância na medida em que enfoca trabalhos que tradicionalmente ficariam à margem da literatura e da crítica. Neste trabalho, a leitura que propomos fazer é justamente esta leitura "interessada", dando ênfase nas relações que se estabelecem entre as personagens femininas e entre estas e as masculinas, de forma a verificar em que medida as mudanças causadas pela conquista de espaço social e cultural pelas mulheres pronunciam-se na obra de uma escritora, Muriel Spark.

O objetivo deste estudo é realizar uma leitura feminista do conto *Daisy Overend*, no qual as personagens mantêm entre si uma tensão que se expressa não somente como resultado de uma diferenciação social, mas, principalmente cultural. Em termos sociais, é perceptível que há um relativo nivelamento entre elas, uma vez que pertencem aos mesmos grupos (de políticos e literatos). A diferenciação cultural, por sua vez, pronuncia-se tendo por base o ponto de vista da voz narradora, que recorrentemente insere comentários que revelam sua rejeição a algumas ações das demais personagens, principalmente de Daisy, sua antagonista.

Ao longo da narrativa não é dada à personagem-título nenhuma oportunidade para falar por si, para apresentar argumentos que possam agir em sua defesa ou em conformidade com as afirmações da voz narradora. É justamente essa voz que se incumbe de apresentar os fatos e as personagens a leitores e leitoras que se aventurarem a ler o texto ficcional sparkiano. Logo de início, há uma apresentação da personagem principal, cujas palavras levam-nos a pensar que Daisy é uma pessoa superficial, fútil e, talvez, infantilizada: "'Darling!' (or 'Bobbie!' or 'Goo!') and the other answer: 'Goo!' (or 'Billie!' or 'Bobbie!' or

'Darling!') – if I hear these words, spoken in a certain trill [...] I know that I have by chance entered the world of Daisy Overend [...]"

É interessante notar que a narradora ocupa-se de introduzir o conto com esta descrição, o que pode ser considerado como uma forma de induzir a leitura a conclusões pré-determinadas e, por conseguinte, não somente validar as informações que compõem o tecido narrativo, como aceitar o posicionamento de quem narra os fatos. Desta forma, o que se tem como elemento mais marcante no texto é a oposição entre estas duas personagens. Assim, não se pode negar que a narrativa composta a partir de uma visão unilateral deve ser vista, no mínimo, como suspeita; no entanto, os posicionamentos adotados pelas personagens muitas vezes revelam mais que as palavras.

Em *Daisy Overend* é relevante perceber que as personagens femininas com maior destaque têm como função primordial construir e delinear o conflito originado a partir do desejo nutrido por ambas de ter poder e autonomia em uma sociedade que lhes restringe a atuação enquanto indivíduos sociais. Deste modo, a caracterização de Daisy servirá de base para as reflexões a que se propõe este estudo. Assim, tem-se na Sra. Overend, pequena, autoritária e esperta ("small, imperious, smart"), alguém que a narradora considera uma personagem-tipo, ou seja, representante de um grupo com características definidas ("[she] was to my mind the flower and consummation of her kind").

Tais características ficam evidentes quando há a descrição da atuação profissional da personagem-título: "it was the literature of politics and the politics of literature which occupied Daisy" (p. 134). Este jogo de palavras ilustra de forma clara a atuação social da personagem, a qual escreve em uma revista política e pertence a várias sociedades literárias, sendo que esta atuação revela-se uma farsa, pois ela engana a todos dos grupos aos quais pertence: "she bamboozled many politicians who thought she was a writer, and writers who believed her to be a political theorist" (p. 134).

Deve-se considerar, entretanto, que a atuação nos meios político e literário da personagem faz menção à atuação de muitas feministas, as quais consideram que a literatura tornou-se a causa política de muitas escritoras que desejaram, com suas obras, dar relevo às vivências das mulheres, isoladas na chamada zona selvagem (SHOWALTER, 1994). Adentrando-se no mundo social (dos homens), as mulheres passaram a ter uma atuação muito mais ativa, influenciando nas mudanças dos papéis sociais de ambos os mundos. Assim como Daisy tem destaque no meio político (mais reservado aos homens) e no literário (um pouco menos reservado), passa a ser ela a representante do grupo das mulheres que

exigiram seus direitos e conseguiram ocupar espaços os mais diversos e que lhes eram proibidos.

Conquanto a participação social da personagem seja uma demonstração de aquisição de poder e autonomia, passa a ser significativo o fato de ela haver “tomado para si” dois amantes: um político e um poeta. As duas figuras masculinas assumem, assim, o papel de suportes sociais, passíveis de serem dispensados a qualquer momento, mas úteis para o projeto de manipulação social e cultural da qual as mulheres se serviram durante muito tempo para garantir sua inserção na esfera masculina. A “farsa” da personagem sparkiana dá aos dois personagens a falsa impressão de que ela depende deles para ter acesso ao mundo social, parecendo a eles ser frágil e “exemplar” enquanto mulher devido à dependência simulada.

Tem-se, com esta simulação, a percepção de que Daisy representa o grupo de mulheres que “teve acesso ao estudo, ao trabalho assalariado, à participação social e política” (OLIVEIRA, 1999, p. 54). No entanto, Oliveira ressalta que para as mulheres os resultados da “esperança viva da igualdade” não foram positivos, pois “o papel feminino mudou sem que o papel masculino fosse fundamentalmente tocado” (p. 55). Outro aspecto da farsa social é a festa planejada por Daisy, a se realizar em sua própria casa. Se, por um lado, este evento social remete às tradicionais festas, nas quais as mulheres eram meros adornos, apenas faziam companhia para seus pares masculinos; por outro, leva-nos a repensar este espaço, que deixa de ser o espaço da vida privada e íntima da mulher e passa a ser espaço social conjugado ao espaço profissional. Este fator ganha um significado importante ao pensarmos que a escrita relativa a temas políticos ocorre no espaço privado, mas ganha repercussão social ao ser publicada. Mais interessante, ainda, é notar que esse é um espaço somente dela, sem qualquer tipo de influência de outras pessoas; é o espaço pessoal e social ao mesmo tempo, a partir do qual a zona selvagem ganha visibilidade e prestígio.

Cabe destacar, ainda, que a festa da personagem sparkiana pode ser vista como um pretexto para reforçar a ideia de que a casa desta personagem é tanto seu espaço social quanto pessoal. Desta forma, se em um primeiro momento a festa a ser realizada estabelece uma relação de contiguidade entre a casa de Daisy e a sociedade à qual pertence, posteriormente a casa vai revelar-se também o espaço da intimidade e das vivências peculiares das mulheres. Este aspecto conferido à casa novamente atesta os argumentos de Oliveira, a qual afirma que “as mulheres passaram a fronteira do mundo dos homens escamoteando o lado feminino da vida. Enfrentaram a concorrência no espaço público carregando con-

sigo, escondidas, as raízes no espaço privado” (OLIVEIRA, 1999, p. 55). A autora também menciona em seu trabalho que as mulheres vivem da contradição gerada pela busca de poder e ação social, que choca como desejo de fazer sua cultura ser valorizada. Como ocorre no conto sparkiano, a entrada no mundo social sufoca a vivência do espaço privado, que deve ser escondido, praticamente anulado. Esta contradição de Daisy pode ser mais nitidamente percebida a partir de uma observação mais detalhada de sua casa, onde ela busca conciliar o mundo social e privado.

Com relação ao segmento da casa destinado à movimentação pública, pode-se dizer que este está de acordo com as convenções sociais às quais a proprietária deseja adequar-se. Decorada em estilo contemporâneo, a casa é descrita pela narradora como um espaço que prontamente surpreende seus visitantes pelo bom gosto e pela harmonia das cores e disposição dos móveis. É o espaço que pode ser visto por todos os seus frequentadores, o qual recebe regularmente o “grupo básico” de associados políticos e literários da protagonista. Espaço social, aberto e visível, é apenas um dos elementos que compõe o aspecto de dualidade da moradora, pois é sua identidade pela metade, um empecilho assumido por ela, assim como por muitas mulheres, com coragem, afirma Oliveira, pois as mulheres “procuravam assim corresponder ao novo perfil de mulher que emergia da agonia de um paradigma. Obedeciam a uma mensagem dupla e contraditória: ‘para ser respeitada pense, aja e trabalhe como homem; mas para ser amada continue sendo mulher. Seja homem e seja mulher’” (OLIVEIRA, 1999, p. 55).

A outra meia-identidade de Daisy ficava praticamente esquecida e ignorada pela personagem, representada no conto pelo quarto. Com acesso reservado para poucos, o quarto consiste no espaço que pode ser considerado privativo e, ao mesmo tempo, o único que realmente pertence à personagem. Suprendentemente pink, o quarto é impressionante para quem conhece a austera sala de visitas, pois tudo parece ter se gastado, desbotado, e estar fora de moda:

I was impressed by the pinkness of Daisy’s bedroom. Where on the earth did she get her taste in pink? [...] In among the folds the original colour had survived here and there, and this fervid pink reminded me of a colour I had seen before [...] it was Daisy’s own inarticulate exacting instinct which had bestowed on this room its frilly bed, its frilly curtains, the silken and sorry roses on its mantelpiece and its all-but-perished powder-puffs. (SPARK, 2004, p. 137)

O desbotamento dos móveis do quarto reforça a ideia de que este espaço representa as raízes mais tradicionais desta mulher, pois foi “criado por ela” como uma forma de escapar às normas sociais que compõem seu mundo profissional. Para a narradora, a existência de tal espaço é incompreensível, pois é um choque para ela a revelação deste cômodo e gera, imediatamente, a antipatia por sua antagonista e a decisão de devotar-se à “destruição da festa de Daisy”. O que a narradora não consegue entender é a predominância do pink desbotado, que não deve ser herança nem da mãe nem da avó, pois ambas “não atingiram o pico da alegria” em suas vidas.

No lugar da zona selvagem, o espaço onde ser mulher é estar além das convenções sociais, da competição e do convívio com homens, de estereótipos incongruentes com sua realidade, temos uma remissão ao “eterno feminino”. A cor pink, tradicionalmente carregada de significados referentes ao mundo das mulheres, ganha um significado mais expressivo ao se levar em consideração que não pode ser dissociado do fato de estar gasto, desbotado. Neste sentido, é também o território onde os sonhos e desejos estão abafados pela herança sexista, sendo que o resultado é ter a atenção voltada para o mundo dos homens enquanto o mundo das mulheres fica esquecido, e suas vivências são silenciadas. Provavelmente, este seria o motivo da antipatia existente entre as duas figuras femininas: Daisy esqueceu-se e desvalorizou o mundo de suas vivências, de sua intimidade, à custa do desejo de ser agente social no mundo dos homens e, desta forma, criou um mundo feminino com base nos conceitos da esfera masculina.

Certamente, o pink exagerado do quarto pode referir-se ao montante de vivências das mulheres que ficou sufocado e encoberto pelo desejo de adequação ao mundo social; o que se nota pelo estado deplorável em que se encontram os objetos que lá foram colocados. Primeiramente, porque tais vivências ficaram “inarticuladas”, ou seja, não ganharam o merecido destaque que a atuação política e literária de Daisy poderia conceder a elas, o que leva a supor que a personagem agia “como homem”. Em segundo lugar, se levarmos em consideração que “a esfera privada se estrutura em torno de relações afetivas” e é “o lugar das interações espontâneas” (OLIVEIRA, 1999, p. 100), podemos afirmar que o quarto pink era inacessível também para os amantes de Mrs. Overend. Isto porque a narradora, em determinado momento, afirma que o poeta Tom Pfeffer desejava algo mais do “desejava um quarto no flat de Mrs. Overend e refeições regulares”. A referida afirmativa indica que o relacionamento da personagem com seus amantes não tinha um aspecto íntimo, no sentido de afetivo; ao contrário, mais parecia uma negociação. A fim de reforçar tal ideia, mencionamos o fato de Tom ter muito

ciúme de Lotti, o amante político, a quem a protagonista dava dinheiro (“pound notes, clean from the bank”).

Além disso, o quarto é resultado do “instinto” da personagem, o que pode ser interpretado como uma parte de si mesma que ela não conseguiu sufocar, que poderia contrariar o mundo racional e lógico dos homens. Daí ser o acesso a esse espaço tão restrito, para não dar visibilidade àqueles aspectos da vida das mulheres que lhes são valiosos e próprios, não compartilhado pelo mundo social dos homens.

O receio de mostrar sua cultura, que ficou por muito tempo à margem do mundo social, mostra quão frágil tornou-se o projeto apresentado por algumas mulheres, as quais demandavam igualdade de direitos para os grupos sociais e/ou culturais. Por isso, Oliveira (1999) afirma que o projeto de igualdade apenas reforçou desigualdades e acarretou em mais dificuldades para as mulheres.

Se pensarmos que Muriel Spark quis mostrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres quando passaram a atuar no mundo social dos homens, como o fez Daisy, tendo que arcar com o abandono de suas vivências da zona selvagem, a autora também mostra que a zona selvagem sempre está presente, pois é praticamente impossível às mulheres ignorarem-na. Desvalorizando ou, ao menos, escondendo a zona selvagem, a personagem comete seu maior erro; daí o desejo de destruição nutrido pela narradora. A consequência direta para a personagem sparkiana é que sua festa torna-se palco de uma ação das mulheres (representadas pela narradora) em que demandam o direito de serem diferentes dos homens.

A sabotagem da festa foi oportunizada em razão de Daisy não ser muito organizada para arrumar-se para festas: era um hábito seu trocar-se em todos os cômodos da casa, enquanto a secretária recolhia os objetos logo após sua passagem desorganizadora. Em uma antessala que havia ficado sob os cuidados da narradora, no entanto, uma das peças foi esquecida, o que muito agradou à narradora e contribuiu para a efetivação do plano.

A peça esquecida na antessala é significativa: um par de ligas aparentando ter um quarto de século de existência, com uma roseta pink em cada uma. Assim, na peça há dois elementos que remetem à condição de Daisy: primeiro, por ser um par de ligas, ou seja, por compor uma peça íntima, que geralmente fica escondida e que, para ser vista por alguém, deve existir um momento de intimidade, de “interação espontânea”, nas palavras de Oliveira; em segundo lugar, a cor pink desbotada, que dá a impressão de algo muito velho, descuidado. Todos os elementos não apenas remetem ao quarto, quanto o fazem presente na festa, devido à exposição da intimidade da anfitriã a todos os convidados. Encarregada da

antessala onde se estabeleceu o buffet, a narradora incumbiu-se de “abrir as portas” para os convidados entrarem no cômodo e, assim, invadirem a intimidade da anfitriã.

Percebendo a instauração da confusão, a narradora revela suas conjecturas acerca da utilidade das ligas, as quais ela considera inúteis para “levantar as meias de Daisy, assim como seu espírito”, uma vez que expressam uma gradativa depreciação das ligas e, paralelamente, de sua dona:

They were historic in the sense that they had at first, I suppose, looked merely naughty. In about five years they had entered their most interesting, their old-fashioned, their lewd period. A little while, and the rosettes had begun to fray: the decadence. And now, with the impurity of those to whom all things pertaining to themselves are pure, Daisy did not see them as junk, but as part of herself [...]

É perceptível que a narradora considera a posição de Daisy complicada, ou seja, conforme ela faz o jogo do mundo dos homens, mais seus conceitos vão se deturpando e seu mundo particular desmoronando. A narradora apresenta, então, a teoria de que os impuros acham que o que lhes pertence é puro; ou seja, cada um valoriza o que tem tendo a si mesmo e a seu mundo como referências. Neste sentido, devemos considerar o sentido que o nome da protagonista adquire na obra, pois a flor que, em inglês, tem o nome *daisy*, em português, recebe o nome de margarida, um símbolo de pureza, do que se volta para si mesmo. Sendo assim, o nome da personagem deve ser interpretado no sentido inverso, pois ela corrompeu-se ao tentar viver “como homem”, isto é, no mundo social dos homens. Sob o ponto de vista da narradora, Daisy mais parece uma “tulipa desnutrida murcha”, estando parada entre as portas da porta-janela com seu vestido preto de festa; o que significa que a revelação do mundo privado, a esfera feminina, tolheu da personagem toda “elegância e nobreza” que a figura da tulipa lhe concederia. Sem dúvida, a reação de Daisy não poderia ser diferente, dada a direção que toma sua festa: os convidados são manipulados pelos funcionários contratados para orientá-los e organizar os itens de festa.

Realmente, em finais dos anos 20 não poderia ser diferente para a mulher, uma vez que no período entre guerras foi necessário às mulheres adentrar o mercado de trabalho porque havia escassez de mão de obra em diversas áreas. Isto explica porque as mulheres têm dificuldades para atuarem na esfera social. Exemplo deste fato é a associação que se estabelece entre a narradora e o poeta Lotti, que armam a cena na qual participam os convidados de Daisy, que mais

parece um ritual de sacrifício. A anfitriã testemunha seu próprio sacrifício, sua morte social, quando entra na antessala onde seu par de ligas é exibido nas mãos de Lotti, que dança freneticamente, em meio ao círculo formado pelos demais convidados.

Sob a ótica do amante enciumado, a cena da festa tem sabor de vingança, já que havia sido desprezado pela amante e lhe havia sido recusado um espaço como marido. Por meio da análise das atitudes do poeta, pode-se perceber que ele representa a grande massa de homens que acha que tem poder sobre as mulheres, pois tem-se em vista que ele acredita que merece maior atenção da amante. A partir do momento em que Daisy deixa claro que ele não é digno de ser seu companheiro e, desta forma, fazer parte do seu espaço privado/íntimo, o amante se vê no direito de buscar o que considera ser justo. A festa para Lotti, afirma a narradora, trouxe-lhe grande prazer: sentia-se vingado e justificado (there was none more delighted than Lotti).

A narradora, por sua vez, compôs a parceria também tomando por base um aspecto cultural, que considerava justificativa para suas ações. Embora a narradora não tenha instigado os convidados com palavras, o que ficou a cargo de Lotti, foram seus gestos que revelaram aos demais envolvidos na cena das ligas que incentivaram a continuidade dos eventos. Seu primeiro gesto foi o de permitir que o par de ligas ficasse sobre a mesa do buffet e, mesmo sabendo que Daisy havia pedido que fossem retiradas, usurpou-se do direito de permitir que outras pessoas invadissem a intimidade da anfitriã.

O segundo gesto foi o de “abrir as portas” para os convidados, de forma a que Daisy não ouvisse as vozes de imediato na antessala, protegendo o momento de diversão das pessoas presente. Além destes dois, as únicas palavras pronunciadas pela narradora foram “não são minhas, são da Sra. Overend”, as quais denotam que se isentando de qualquer culpa, transferiu-a para a dona da peça íntima.

Ao retomarmos as palavras da narradora, percebemos ser provável que ela tenha assumido a postura de uma espécie de justiceira social, uma vez que considera a atuação social de Daisy “uma farsa”. Além disso, há a possibilidade de afirmarmos que, sob a ótica da narradora, mesmo na esfera social da qual ambas as personagens fazem parte a dona da casa é vista como incompatível, como alguém que não faz parte de nenhum dos mundos sociais. Para ela, o espaço privado da protagonista deve ser reformulado, pois ainda não comporta as reconfigurações dos conceitos e práticas feitas pelas mulheres.

Em suma, seria mais plausível afirmar que Daisy encontra-se no “limbo”

social, conquanto não agrade ao grupo dos homens, porque não é um grupo do qual faça parte logicamente, mas que lhe é permitido adentrar em uma situação extraordinária. A personagem também não pertence ao grupo das mulheres, que se encontra em processo de reformulações em termos de sociedade e cultural e, para este grupo, o conceito de mulher visto no espaço privado de Daisy ainda está amparado em velhas práticas, em uma visão sexista que prega um ideal de mulher, de feminilidade.

Excluída do grupo das mulheres, ao qual pertence, e do grupo dos homens, ao qual pretende pertencer, a solução para Daisy seria buscar um caminho que lhe fosse favorável, que lhe permitisse agir socialmente, mas que não comprometesse sua vida íntima. Quanto a isto, afirma Oliveira que este é um caminho capaz de trazer realização para as mulheres, pois

Não há caminho de volta para as mulheres; nós não o queremos nem a sociedade moderna o propõe. Voltamos ao ponto de partida no sentido de que, exatamente porque fizemos a travessia do mundo dos homens, porque conhecemos suas normas e seus valores, estamos melhor situadas para revalorizar nosso mundo, nossos valores (OLIVEIRA, 1999, p. 106)

A proposta da realização de uma leitura feminista do conto *Daisy Overend*, em que temos figuras femininas e masculinas em conflito, devemos pesar todos os fatores que se conjugam para a apresentação deste mundo peculiar, um mundo do qual o centro é uma personagem perdida entre as várias pressões que sobre ela recaem, que tenta encontrar seu verdadeiro espaço e, conseqüentemente, sua identidade. É neste sentido que as palavras de Oliveira passam a ter uma acepção interessante para a personagem Daisy, “a flor e consumação de seu tipo” (p. 134). Esta personagem sparkiana representa muitas mulheres que, em um determinado momento histórico da construção da igualdade, baseada na diferença, encontrou-se neste entre caminho o qual não mostrava nenhum horizonte, mas não permitia voltar atrás.

Mas o que Daisy não sabia nos anos 20, nem a narradora, ao que parece, é que as dificuldades das mulheres foram enfrentadas, de acordo com Oliveira, “com coragem”. Os frutos colhidos da árvore do conhecimento cultivada pelas mulheres em sua zona selvagem foram liberdade e autonomia, de inestimável valor para aquelas que lutaram, assim como para aquelas das gerações futuras. A zona selvagem é, para as mulheres atuais, um território acessível, de valor reconhecido, pois há mulheres e homens que conseguem movimentar-se nas duas

esferas sociais sem, no entanto, comprometer sua identidade ou anular-se enquanto indivíduo social e culturalmente ativo.

Vale mencionar, a respeito do espaço de mulheres e homens, que as sociedades têm passado por mudanças que rompem com conceitos e preconceitos referentes a feminilidade e masculinidade. Mas é um processo lento, que requer persistência dos atores sociais, que devem indicar que papéis desejam desempenhar e quais são os papéis que tem o direito de recusar-se a assumir. Isto é extremamente enriquecedor para nossa sociedade, se pensarmos, por exemplo, na situação de mulheres como Daisy Overend, que não têm um lugar social, mas são obrigadas a desempenharem o papel que a sociedade impuser a elas.

O conto de Muriel Spark faz-nos refletir acerca da liberdade que devemos ter para fazermos as escolhas que acharmos pertinentes em nossas vidas, de forma que nos beneficiem e nos deem prazer e realização pessoal. De acordo com Oliveira, o projeto da diferença é uma necessidade do movimento das mulheres, pois “a revalorização da diferença não tem por que enfraquecer a luta pela igualdade, mas deve, certamente, redefini-la. O projeto da diferença não é uma revalorização da vida privada para as mulheres, mas pelas mulheres para o conjunto da sociedade” (OLIVEIRA,1999, p. 109).

Tais palavras nos leva a refletir que ao longo da caminhada das mulheres, as marcas das lutas muitas vezes geraram cicatrizes profundas e doloridas, mas elas mesmo assim resolveram assumir as dores e sofrimentos para, um dia, terem as feridas fechadas e as cicatrizes dissipadas de seus corpos. Também não se pode esquecer que a história nos mostra que este projeto tem ainda um longo caminho a percorrer, pois as injustiças parecem não ter fim. Muitas mulheres ainda se sentirão como Daisy Overend, esmagadas por conflitos, em busca de uma identidade, de autonomia, de realização pessoal e profissional. Há também aquelas que, assim como a narradora, vão lutar para manter defender seus ideais, mesmo que isto signifique ir contra seu próprio grupo.

## NOTAS

<sup>1</sup>Doutoranda em Letras, pela Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis; bolsista pelo programa Bolsa Doutorado, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; e-mail: ccazevedo@gmail.com.

REFERÊNCIAS:

CULLER, J. **On deconstruction**: theory and criticism after structuralism. New York: Cornell University Press. 4ª. Ed. 1985.

OLIVEIRA, R. D. de. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, Gênero Plural. 1994, p. 23-57.

SPARK, M. Daisy Overend. In: **All the stories of Muriel Spark**. New York: New Directions. 2000, p. 133-40.

TODOROV, T. **Poética**. Trad. Carlos da Veiga Ferreira. São Paulo: Teorema. 1997. p. 31-61.